

Do exílio à Constituinte

Brasileiros que viveram no Chile torcem pelo 'não'

Teresa Cardoso

BRASÍLIA — Onze de setembro de 1973. Dormindo na casa de amigos, a dois quartos do Palácio de La Mueda, Vladimir Palmeira (29 anos na época) acordou ouvindo tiros. Ao chegar à rua, soube que o presidente chileno Salvador Allende estava no palácio, cercado pelo Exército. Olhou para o céu e viu aviões militares sobrevoando a cidade. Naquele instante, Moema São Thiago, 25 anos, estudava um livro de Direito e ouvia o rádio. Um locutor anunciou que o palácio estava sendo invadido. Ela saiu à rua para participar da resistência e descobriu que era tarde. Augusto Pinochet já assumira o poder no Chile.

Na próxima quarta-feira, Vladimir Palmeira (PT-RJ), Moema São Thiago (PDT-CE), Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP), Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), César Maia (PDT-RJ), José Serra (PSDB-SP) e Artur da Távola (PSDB-RJ), todos refugiados no Chile na fase mais dura do regime militar brasileiro, estarão jurando a mais moderna das Constituições brasileiras e atentos ao plebiscito que se realizará no Chile no mesmo dia, e que poderá pôr fim aos 15 anos da ditadura que derrubou o socialista Salvador Allende.

"Vou viver este dia com ansiedade e, ao mesmo tempo, cheio de esperanças", diz emocionado o senador Fernando Henrique Cardoso, que morou quatro anos no Chile e deixou Santiago duas semanas antes do golpe. "No auge do autoritarismo no Brasil, tive que deixar o país e o povo chileno me deu moradia e amizade. A minha gratidão a eles é eterna", diz o parlamentar.

Também ansioso para retornar ao Chile, Plínio de Arruda Sampaio diz que não tem muitas esperanças no plebiscito da próxima quarta-feira. "Pinochet perde em Santiago, mas falseia os resultados no resto do país. Ele já tem

as favas contadas, porém tenho esperanças de que o tiro saia pela culatra", afirma o parlamentar.

Ele assessorava a ONU como responsável pela reforma agrária no país e, um ano depois da eleição de Allende (1970), foi para os Estados Unidos. Recebeu em Washington, por telefone, a notícia do golpe militar.

Depois de ficar preso um ano no Brasil, acusado de crime contra a segurança nacional em 1969, César Maia conseguiu refugiar-se no Chile. Um ano antes de Pinochet dar o golpe, foi para Portugal, de onde retornou ao Brasil. Ao desembarcar no Galeão, foi novamente preso e recolhido ao Batalhão de Guardas.

Pelo rádio, na cela, soube do golpe contra o presidente para quem havia trabalhado na política de preços de materiais de construção. "Tive um choque violentíssimo", conta o parlamentar.

Só César Maia e Augusto Carvalho se interessaram em ir acompanhar o plebiscito. O deputado Fernando Gasparian (PMDB-SP) integra a comissão, mas retorna amanhã. "Isso é triste, porque o que nós fizemos pelo Chile não é um milímetro do que os chilenos fizeram por mais de dez mil brasileiros", lastima César Maia. Absorvido pela campanha à prefeitura do Rio de Janeiro, o deputado Artur da Távola também estará na promulgação da Constituição brasileira, em vez de ir ao plebiscito.

Brinde — Para Moema São Thiago, o golpe ocorreu num momento crucial de sua vida. Ele retornava de Cuba e se preparava no Chile para voltar ao Brasil. Quando foi buscar seus documentos no Ministério das Relações Exteriores, descobriu que os estrangeiros estavam impedidos de deixar o país. Ficou 11 dias escondida e então, com mais 200 brasileiros, refugiou-se na embaixada da Argentina, onde ficou mais 45 dias, até conseguir viajar para Portugal. Vladimir Palmeira também ficou dois dias trancado em casa, até conseguir um contato com Fernando Gabeira. Decidiram então procurar embaixadas para refugiar-se. Por meio da embaixada do México, Vladimir chegou à Bélgica. Nesta quarta-feira, ele estará em Brasília, para promulgar a nova Constituição brasileira, e pronto para brindar o fim de Pinochet.



Vladimir Palmeira



Moema São Thiago



César Maia